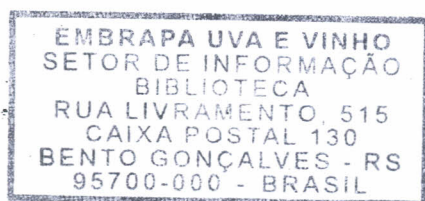


PERSPECTIVAS DO MERCADO DE UVAS VINIFICADAS E ESCOLHA DE  
CULTIVARES DE Videira NO RIO GRANDE DO SUL



Edgar Augusto Lanzer<sup>1</sup>  
Loiva Maria de Mello Freire<sup>2</sup>  
Japiassu de Melo Freire<sup>3</sup>  
Umberto Almeida Camargo<sup>3</sup>

## 1. INTRODUÇÃO

Um problema freqüente dos viticultores é a escolha de cultivares para novos plantios. Este é um assunto complexo. Por um lado já existem cerca de 90 (noventa) cultivares nas estatísticas da uva vinificada (EMBRAPA/CNPUV, 1985) e a cada ano novas cultivares são incluídas; por outro, a decisão sobre a cultivar determina o engajamento num processo produtivo que exige um grande número de anos para o retorno do capital investido, sendo portanto pequenas as possibilidades de 'consertar' um erro sem incorrer em prejuízo significativo. O produtor quer cultivares rústicas e produtivas que gerem uma uva de bom preço e de fácil comercialização, isto é, cultivares que lhe dêem a segurança de um lucro alto por um bom número de anos. Convém, desde logo, esclarecer que não existe metodologia infalível para atender plenamente tal pretensão. A razão é simples: não se pode ter certeza sobre o direcionamento futuro das políticas para o setor — o governo irá aumentar impostos sobre o vinho? A renda dos consumidores irá aumentar mais rápida ou mais lentamente? Os vinhos estrangeiros receberão isenção de impostos de importação? Os preços dos insumos irão aumentar muito se o país resolver não pagar sua dívida externa? E se muitos produtores resolverem plantar a mesma cultivar, isto não irá derrubar o seu preço? Em suma, é impossível se ter certeza sobre o que acontecerá no futuro.

<sup>1</sup> Eng.-Agr., Ph.D., EMBRAPA/Centro Nacional de Pesquisa de Uva e Vinho (CNPUV), Caixa Postal 130, CEP 95700 - Bento Gonçalves, RS.

<sup>2</sup> Econ., M.Sc., EMBRAPA/CNPUV.

<sup>3</sup> Eng.-Agr., M.Sc., EMBRAPA/CNPUV.

Entretanto, a impossibilidade da certeza sobre o futuro não quer dizer que as decisões devam ser tomadas ao acaso. Melhores decisões são embasadas em informações sobre fatos correlacionados com o tema sobre o qual se precisa decidir. Não cabe aos órgãos públicos dizer para o produtor o que ele deve fazer e, sim, apenas informá-lo, do melhor modo possível, sobre suas alternativas. A decisão final cabe ao produtor. Também cabe a ele, através de seus órgãos associativos, procurar planejar o futuro.

O objetivo deste documento, seguindo a linha de raciocínio acima exposta, é o de reunir informações pertinentes para uma escolha racional de cultivares a serem usadas em novos plantios nos próximos anos. O trabalho é dividido em duas partes básicas: a primeira consiste de um estudo de tendências do mercado de uvas vinificadas no Rio Grande do Sul para formar uma idéia de seu desenvolvimento no futuro próximo (secções 2, 3 e 4), na segunda parte esboçam-se algumas estratégias alternativas para a obtenção de resultados econômicos com uma margem de segurança razoável na produção de uvas para vinificação (secções 5 e 6).

## 2. O MERCADO GAÚCHO DE UVAS VINIFICADAS\*

O mercado de uvas vinificadas é altamente concorrencial, particularmente do lado da oferta, a qual é, na maior parte, gerada por cerca de 16.000 pequenos agricultores. Estes dispõem de áreas totais médias de 15,8 ha, nas quais cultivam, em média, 3,7 ha de videiras, sendo que a viticultura absorve cerca de 75% do trabalho realizado no estabelecimento agrícola. São, em sua maioria, produtores altamente especializados, além do que possuem um grau de organização elevado (74% são filiados a sindicatos e 49% associados a cooperativas), o que se revela pela alta percentagem de associação (Freire et al., 1987).

Do lado comprador existem cerca de 480 processadores, entre os quais 180 empresas e cooperativas e 300 cantinas rurais. No entanto, cerca de 45% do total da vinificação são realizados pelos 6 (seis) maiores processadores. Não há tendência recente clara de que o grau

---

\* Inclui uvas destinadas à elaboração de sucos.

de concentração industrial do setor esteja aumentado. A participação das cooperativas vem oscilando, tendo caído de 50% no início da década de 70 para cerca de 35% no final da mesma, mostrando alguma recuperação e atingindo atualmente cerca de 40% do mercado.

O mercado de uvas vinificadas tem funcionado com pouca interferência governamental, salvo o aspecto de fiscalização até o final da década de 70. A partir daí, com o estabelecimento de preços mínimos e compras de uva pela Companhia de Financiamento da Produção (CFP), bem como pela utilização de empréstimo à indústria para financiar a compra de matéria-prima (Empréstimo do Governo Federal - EGF), esta interferência vem mostrando uma tendência de crescimento. O preço mínimo básico da uva é negociado entre sindicatos de viticultores, vinticultores e a CFP de 2 a 3 meses antes da colheita. Este preço é uma referência importante porque dá a dimensão do financiamento que o governo terá de conceder à indústria, bem como estabelece a margem de rentabilidade do viticultor face ao seu custo de produção. Assim, para reduzir o volume de subsídio geralmente embutido no financiamento governamental, a CFP procura limitar a expansão do preço mínimo. Os viticultores, obviamente, procuram negociar com vistas ao preço mais alto que puderem alcançar. A indústria tem uma posição relativamente mais confortável, pelo menos enquanto puder contar com o EGF.

Neste contexto, um dado importante a considerar é o preocupante volume da dívida pública do país. A rolagem desta dívida vem obrigando o setor público a pagar altas taxas de juros ao setor financeiro e, cedo ou tarde, qualquer espécie de subsídio concedido através de financiamento governamental provavelmente será extinto. Neste caso, a negociação de preços se tornará mais difícil. Deve-se considerar ainda que os vinhos brancos, vendidos mais jovens, permitem um fluxo de caixa mais acelerado por parte da indústria. Isto significa que as uvas brancas podem receber certa preferência de compra se as condições de financiamento (EGF) se tornarem mais difíceis e se não ocorrerem alterações substanciais nos tipos de vinhos demandados.

### 3. TENDÊNCIAS DA COMERCIALIZAÇÃO DE UVAS E VINHOS

#### 3.1. Oferta de uvas para vinificação\*

A Tabela 1 mostra a evolução da quantidade de uvas vinificadas no estado na última década. Observa-se, inicialmente que esta oferta tem crescido pouco: a taxa média de 1,6% ao ano está bem abaixo de sua média histórica, que está próxima dos 4% ao ano (CEDIC, 1974). Outro ponto de destaque na Tabela 1 é a taxa de crescimento das viníferas brancas, bem acima das demais.

TABELA 1. Evolução da quantidade de uvas vinificadas, por grupo e tipo, no Rio Grande do Sul - 1976/85 (médias móveis trienais em 1.000 t/ano)

Triênio	Americanas e híbridas		Viníferas		Total
	Tintas	Branças*	Tintas	Branças	
1975/77	211	50,2	22,6	29,2	313
1976/78	216	49,8	22,4	29,6	318
1977/79	238	56,0	24,2	32,5	350
1978/80	217	50,3	21,7	31,7	322
1979/81	216	52,3	23,7	34,7	327
1980/82	233	51,3	25,7	38,2	348
1981/83	226	51,2	27,3	39,2	344
1982/84	218	51,9	25,5	40,1	335
1983/85	233	54,3	24,9	46,6	358
1984/86	250	57,1	23,7	51,7	382
Taxa média crescimento (% a.a.)	1,1	0,8	1,3	6,1	1,6
Participação no total 1984/86 (%)	65,4	14,9	6,2	13,5	100,0

\* A cultivar Herbemont, por ser usada na elaboração de vinhos brancos, foi incluída no grupo 'Branças'.

Fonte: dados da UVIBRA, cálculos dos autores.

\* Neste documento, os termos oferta e procura serão utilizados no seu sentido popular e não no sentido estrito da teoria microeconômica neoclássica.

Por outro lado, através da amostragem representativa dos municípios de Bento Gonçalves e Flores da Cunha em 1985 (Tabela 2), estima-se que cerca de 85% da área de parreirais novos (4 anos ou menos) são compostos de cultivares brancas, sendo na sua maioria (aproximadamente 60%) viníferas. Já em termos de preferência para plantio em futuro próximo, embora permanecendo a dominância de viníferas brancas, é importante notar a alta percentagem alcançada pelas uvas tintas comuns. Além disto, a área de parreirais novos representa cerca de 11,7% da área total, o que permite prever um ritmo de expansão da oferta em torno de 3,1% a.a. até 1988/90.

TABELA 2. Área estimada de parreirais com quatro anos de idade ou menos e preferência por novos plantios (Bento Gonçalves e Flores da Cunha, 1985)

Tipo		Parreirais novos (% área)	Preferência futura (% área)
Americanas e híbridas	Tintas	4,1	35,7
	Branças	26,0	17,2
Viníferas	Tintas	10,8	6,2
	Branças	59,1	40,9
Total		100,0	100,0

Fonte: EMBRAPA/CNPUV.

### 3.2. Procura de uvas para vinificação

A procura de uvas para vinificação depende da procura de derivados de uva. A Tabela 3 sumariza as quantidades comercializadas dos principais derivados de uva na década de 1976/85, bem como suas taxas médias de crescimento no período. Apenas como referência, as taxas de crescimento estimadas pela Companhia de Desenvolvimento Industrial e Comercial (CEDIC) para 1959/73 situavam-se em torno de 3,9% a.a. para vinhos comuns e 6,2% a.a. para vinhos de viníferas. Portanto, a taxa de crescimento para vinhos comuns praticamente se repetiu (3,6% a.a.) no período 76/85, enquanto que para vinhos de viníferas a velocidade de expansão do mercado dobrou (12,8% a.a.).

TABELA 3. Comercialização dos principais derivados de uva no Rio Grande do Sul no período 1976/85 (em milhões de litros)

Tipos	Anos										Taxa média crescimento (% a.a.)
	1976	1977	1978	1979	1980	1981	1982	1983	1984	1985	
Vinho comum	139,2	140,8	141,3	149,6	122,8	128,9	166,9	195,6	171,6	185,2	3,6
Tinto	116,4	116,6	117,2	119,5	99,6	99,1	132,0	151,8	129,2	138,7	2,4
Rosado	11,7	15,2	14,6	18,6	14,7	16,4	15,8	23,8	21,7	24,0	6,7
Branco	11,1	9,0	9,5	11,5	8,4	13,4	19,1	19,9	20,6	22,5	10,8
Vinho de viníferas	14,1	15,0	17,6	21,7	23,0	21,6	26,3	32,7	42,1	44,6	12,8
Tinto	4,4	4,5	4,9	6,4	7,2	7,4	7,7	9,8	14,8	13,1	13,4
Rosado	3,1	3,2	3,5	4,1	5,1	2,7	3,6	3,5	3,7	3,5	0,7
Branco	6,5	7,2	9,1	11,2	10,6	11,4	15,0	19,3	23,6	28,0	15,9
Vinho especial	13,3	11,6	10,3	13,8	11,1	6,9	5,0	5,3	5,5	4,8	-12,9
Tinto	4,8	4,0	4,1	7,0	4,7	1,9	0,9	1,0	1,0	0,9	-23,6
Rosado	4,2	4,0	4,2	5,1	4,3	3,4	2,4	2,7	2,3	2,1	-9,0
Branco	4,3	3,6	2,0	1,7	2,1	1,6	1,7	1,6	2,2	1,8	-7,7
Suco de uva concentrado*	2,7	3,8	3,8	4,0	5,3	3,9	4,0	4,6	5,2	6,6	6,6
Conhaque	14,9	12,9	12,0	10,0	2,6	1,6	1,4	1,2	1,1	1,6	-33,5
Filtrado doce	1,8	2,3	2,4	3,4	4,4	3,9	4,3	4,1	5,0	6,0	11,8
Espumantes e frizantes	4,4	4,3	3,7	3,2	3,3	2,3	2,6	2,7	2,7	3,2	-5,2

\* Suco de uva comum multiplicado por 0,2 e somado com suco concentrado.

Fonte: dados da UVIBRA; cálculos dos autores.

Os dados da Tabela 3 indicam que os vinhos brancos (comum, 10,8%, e de viníferas, 15,9%) têm mostrado maior dinamismo de crescimento que os tintos (comum, 2,4%, e de viníferas, 13,4%).

Observa-se também que a taxa de crescimento da comercialização de vinhos e sucos (4,2% a.a) é maior que a da oferta de uvas vinificadas (1,6% a.a.). No caso dos vinhos comuns e sucos isto se viabilizou, em boa parte, pela queda verificada na comercialização de conhaque. Além disto, como será discutido mais adiante, no início da década de 1976/85 havia um excedente de oferta de uvas (estoque de vinhos elevado) que permitiu, ao longo deste período, que a comercialização de vinhos crescesse mais rapidamente do que a produção de uvas. Um bom ritmo de crescimento também é observado para suco de uvas e filtrado doce, enquanto que espumantes, frizantes e vinhos especiais vêm perdendo expressão.

A Tabela 4 contém a informação do que teria sido a procura teórica de uvas dos diversos grupos considerando algumas hipóteses de trabalho. Supôs-se que: o vinho rosado foi elaborado com um corte de 90% de vinho branco e 10% de vinho tinto; que os vinhos especiais eram compostos em 80% de mosto de viníferas e 20% de americanas; que os filtrados doces foram elaborados com uvas brancas comuns e os espumantes e frizantes com brancas viníferas; que para obter 1 litro de vinho, incluindo comuns, especiais, de viníferas, filtrado doce, espumantes e frizantes, foi utilizado 1,3 kg de uvas; e que para a obtenção de 1 litro de suco de uva concentrado foram utilizados 6,5 kg de uva tinta comum. Em função da perda de importância do conhaque e destilados, os mesmos não foram incluídos no cálculo da procura teórica de uvas para elaboração dos seus principais derivados.

A Tabela 4 informa que na década de 1976/85 a procura teórica de uvas para elaboração dos seus principais derivados cresceu a uma taxa média de 4,3% a.a. (o valor estimado pela CEDIC para 1959/73 foi de 4,1% a.a.). Todavia, a necessidade (teórica) de uvas para a elaboração de vinhos finos (tintos e brancos) e de vinhos brancos comuns teve um dinamismo bem maior, com taxas de crescimento acima de 5% a.a. e com destaque maior para a procura de uvas brancas. Já a necessidade (teórica) de uvas americanas e híbridas tintas evoluiu bem mais lentamente, mas continua representando o maior segmento do mercado.

TABELA 4. Procura teórica de uvas para elaboração de seus principais derivados - RS - 1976/85

Ano	Procura teórica de uvas (1.000 t/ano)*				Total
	Americanas e híbridas		Viníferas		
	Tintas	Branças	Tintas	Branças	
1976	171,8	31,5	11,6	26,2	241,0
1977	179,4	33,0	10,8	26,2	249,4
1978	180,1	32,6	11,5	26,7	251,0
1979	185,7	40,7	16,7	30,1	273,2
1980	167,2	32,8	15,4	30,2	245,5
1981	156,9	40,5	12,3	25,8	235,6
1982	199,9	47,3	11,7	31,1	290,0
1983	230,6	57,6	14,5	36,9	339,7
1984	204,9	56,8	21,0	42,9	325,6
1985	226,6	62,5	18,6	48,5	356,2
Taxa média crescimento (% a.a.)	2,9	8,2	5,3	6,4	4,3
Participação no total (83/85)	63,6	17,6	5,2	13,6	100,0

\* Vide texto.

Fonte: cálculos dos autores.

### 3.3. Balanço de oferta e procura de uvas para vinificação

Na Tabela 1 apresenta-se a evolução da oferta de uvas para vinificação no período 1976/85 e, na Tabela 4, a procura teórica dos principais derivados. A Tabela 5 resume a situação de déficit e excessos de produção (oferta) em termos percentuais.

A Tabela 5 indica que o mercado tem funcionado com excesso de oferta (em percentagem) nos últimos anos. Entende-se como excesso de oferta em percentagem a diferença entre a quantidade de uvas vinificadas (média móvel trienal) e a procura teórica de uvas dividida por esta última e multiplicada por cem. O destino deste excesso, evidentemente, são outros derivados não incluídos no cálculo da procura teórica, como por exemplo conhaque, vinagre e outros. Além disto, o excedente de uvas tintas tem sido usado para cobrir a necessidade de uvas para a elaboração de vinhos brancos. De qualquer modo, a distância entre a oferta e a procura vem diminuindo. O excesso médio de 32,3% no triênio 76/78 foi reduzido para 5,4% no triênio 83/85. Assim, a per-

sistirem as tendências observadas, dever-se-á brevemente entrar em fase de excesso de procura generalizada de todos os tipos de uvas para vinificação. O único tipo de uva que parece ainda contar com uma margem relativamente mais folgada da oferta sobre a procura é a vinífera tinta. Todavia, com a falta de viníferas brancas, as tintas são utilizadas também para a produção de vinhos brancos. A coincidência deste fato com safras reduzidas por condições climáticas desfavoráveis deve detonar uma alta de preço muito significativa para as uvas em geral até 1988/90, a menos que a demanda por vinhos se retraia de modo muito significativo. Uma elevação no preço da uva naturalmente determinará uma expansão da área cultivada. Entretanto, se esta reação for desmesurada, uma nova fase de excesso de oferta de uvas (e baixa rentabilidade via preço para os viticultores) poderá ocorrer a partir do início da década de 90. Esta "gangorra" só poderá ser evitada com um mínimo de planejamento da expansão de novos parreirais. Por exemplo: historicamente (isto é, em períodos longos), o mercado como um todo tem evoluído a taxas entre 4 e 5% a.a., ou seja, algo em torno de 20 a 25% a cada cinco anos. Este dado deve ser levado em consideração pelo conjunto de viticultores ao expandirem sua produção.

TABELA 5. Excesso percentual da oferta de uvas sobre a procura teórica dos seus principais derivados - RS - 1976/85

Ano	Excesso de oferta (%)*				Total	Média móvel trienal
	Americanas e híbridas		Viníferas			
	Tintas	Brancas	Tintas	Brancas		
1976	22,8	59,5	95,6	11,5	29,9	-
1977	20,4	51,1	106,6	13,1	27,4	32,3
1978	32,1	71,7	109,9	21,5	39,7	28,2
1979	16,8	23,5	30,2	5,5	17,4	30,1
1980	29,2	59,7	54,3	14,7	33,1	32,8
1981	48,5	26,5	108,9	47,9	47,8	33,1
1982	30,3	8,2	134,1	26,0	18,5	21,7
1983	(6,5)	(10,0)	75,7	8,7	(1,3)	9,1
1984	13,7	6,4	18,6	7,3	10,0	5,4
1985	10,3	8,7	27,1	6,6	7,4	-

\* Os valores negativos, expressos entre parênteses, representam déficits de oferta.

Fonte: cálculos dos autores.

#### 4. PROJEÇÕES DA PROCURA E SUGESTÕES PARA 1987/96

Ao analisar as projeções que se seguem, deve-se estar atento para o fato de que as mesmas são apenas indicativas. O que se fez foi uma extrapolação das tendências vigentes na década de 1976/85 para a década de 1987/96.

Em primeiro lugar, tomou-se a procura teórica média dos anos 1983, 1984 e 1985 (Tabela 4). A partir daí, utilizaram-se as equações de regressão da década de 1976/85 (Apêndice) para fazer as projeções para os triênios 88/90 e 94/96. O resultado é expresso na Tabela 6. Se os ritmos de crescimento de procura teórica da última década continuarem, pode-se prever uma queda significativa na participação percentual da procura de uvas tintas comuns em contraposição a um crescimento das demais, principalmente das brancas comuns.

TABELA 6. Situação e projeção da procura teórica de uvas para os seus principais derivados - RS

Período	Procura teórica (1.000 t/ano)*				Total
	Americanas e híbridas		Viníferas		
	Tintas	Branças	Tintas	Branças	
1983/85	220,7 (64,8)	59,0 (17,3)	18,0 (5,3)	42,8 (12,6)	340,5 (100,0)
1988/90	242,2 (60,0)	84,6 (21,0)	22,1 (5,5)	54,7 (13,5)	403,6 (100,0)
1994/96	291,0 (54,1)	137,3 (25,5)	30,3 (5,6)	79,7 (14,8)	538,3 (100,0)

\* Os valores entre parênteses representam as participações percentuais na procura total.

Fonte: cálculos dos autores.

A seguir, confronta-se a procura teórica da Tabela 6 com os dados de produção média do triênio 1984/86 para estimar o aumento da oferta de cada tipo de uva em relação àquela média. O resultado é apresentado na Tabela 7.

TABELA 7. Crescimento necessário na produção de uvas para suprir a procura teórica estimada para os principais derivados - RS - 1984/86

Período	Crescimento necessário em relação à produção de 1984/86 (1.000 t/ano)*				Total
	Americanas e híbridas		Viníferas		
	Tintas	Branças	Tintas	Branças	
1988/90	21,5 (34,1)	25,6 (40,5)	4,1 (6,5)	11,9 (18,9)	63,1 (100,0)
1994/96	70,3 (35,6)	78,3 (39,8)	12,3 (6,2)	36,9 (18,4)	197,3 (100,0)

\* Os valores entre parênteses representam as participações percentuais no crescimento total requerido.

Fonte: cálculos dos autores.

A informação contida na Tabela 7 deve ser interpretada com certo cuidado, posto que reflete simplesmente tendências observadas na década passada (1975/1986) e projetadas para a vindoura (1987/1996). Conforme já observado anteriormente, o crescimento da comercialização de vinhos de viníferas na década passada está um tanto acima de sua média histórica. Uma pesquisa mais específica está em andamento para verificar até que ponto este fato pode ser atribuído a mudança de hábito do consumidor. Para o futuro próximo o maior incremento requerido da produção deverá ser composto de cultivares americanas e híbridas brancas. Estas últimas vêm crescendo mais lentamente na oferta (Tabela 1), embora já se note um maior interesse dos produtores pelo seu plantio (Tabela 2). Aliás, confrontando a informação da Tabela 2 com a Tabela 7, parece estar havendo um excessivo plantio de viníferas brancas em detrimento de americanas e híbridas brancas. A persistir este quadro por mais quatro a seis anos, poder-se-á entrar numa fase de oferta excessiva de viníferas brancas.

Considerando o acima exposto, é possível estimar qual a participação de cada tipo de uva em novos plantios a partir de 1987 para manter-se uma boa probabilidade de equilíbrio com a procura. Esta informação é sintetizada na Tabela 8, na construção da qual admitiu-se que o rendimento médio entre tipos é o mesmo e que a maior parte dos novos plantios se dará em áreas novas e não pela substituição de parreirais antigos.

TABELA 8. Participação sugerida por tipo de uva para novos plantios de videira (1987/92) para compatibilidade com o mercado futuro provável

Tipo de uva	Participação sugerida para novos plantios (% área)
Americanas e híbridas*	
Tintas	32 - 36
Branças	37 - 42
Viníferas	
Tintas	5 - 7
Branças	16 - 20
Total	100,0

\* A cultivar Herbemont está incluída no grupo 'Branças'.

Fônte: cálculos dos autores.

## 5. ESTRATÉGIAS SUGERIDAS PARA A FORMAÇÃO DE NOVOS PARREIRAIS NA MICRORREGIÃO HOMOGENEA VINICULTORA DE CAXIAS DO SUL (MRH 311)

Ao plantar um parreiral, além dos aspectos de mercado atual e desenvolvimento provável no futuro é importante considerar alguns aspectos técnicos que podem facilitar o gerenciamento e melhorar a rentabilidade da atividade vitícola.

### Fenologia

A escolha de cultivares com fenologia não coincidente com diferentes épocas de brotação e maturação, permite uma melhor utilização de mão-de-obra (poda e colheita), diminuindo os riscos devidos a fatores climáticos (geadas tardias, períodos chuvosos na época de maturação) e possibilitando, em certos casos, melhor utilização da propriedade (por exemplo, plantio de uvas tardias em locais sujeitos a geadas).

### Resistência a doenças

A utilização de cultivares com requerimentos diferenciados de tratamentos fitossanitários é outro fator importante. Isto porque cultivares mais rústicas, híbridas e americanas, garantem maior segurança de safra ao produtor em relação às uvas viníferas, sobretudo em anos

com condições climáticas favoráveis à incidência de doenças fúngicas, aliás bastante freqüentes na MRH 311.

### Disponibilidade de áreas de cultivo

A recomendação clássica ideal para a instalação de parreirais é em meia encosta, exposição Norte. Quando se pensa em produzir uvas finas, mais sensíveis às doenças e exigentes em tratamentos culturais, esta recomendação é fundamental para o sucesso da atividade. Entretanto, numa região onde predominam as pequenas propriedades, evidentemente muitas delas não terão esta condição ideal. Nestes casos, a indicação é de cultivares produtivas, mais resistentes às doenças, para a produção de uvas para vinhos comuns e suco de uva.

### Diversificação

Idealmente, cada propriedade vitícola deveria utilizar-se de cultivares destinadas a diferentes faixas de mercado: vinhos finos, vinhos comuns, suco de uva e, eventualmente, até uvas de mesa pelo plantio de cultivares de duplo propósito. Entretanto, por razões diversas (localização da propriedade, disponibilidade de mão-de-obra, etc.), muitas vezes é aconselhável concentrar a produção em determinadas faixas de mercado. De qualquer modo, é recomendável que a exploração vitícola vise pelo menos dois segmentos de mercado dentre os seguintes: vinho fino tinto, vinho fino branco, vinho comum tinto, vinho comum branco, suco de uva e consumo *in natura*.

### Procedência do material vegetativo

Um dos fatores mais importantes a considerar na implantação de um parreiral é a qualidade do material vegetativo utilizado, porta-enxerto e copa.

Sabe-se que há uma alta incidência de doenças causadas por vírus em toda a MRH 311 e que estas doenças, além de limitar a longevidade das plantas, causam perdas de até 62,7% na produção e redução da qualidade em até 2,8 °Brix (CNPUV, 1984). Além das viroses, fungos vasculares, como o *Fusarium oxysporum* que vem preocupando o setor vitivinícola pelos danos causados, podem ser disseminados pelo material propagativo (Kuhn, 1981). Desta forma, recomenda-se o máximo cuidado com relação à procedência do material vegetativo destinado à formação de novos vinhedos (mudas, porta-enxertos, garfos). A utilização de mate-

rial sadio proporcionará a formação de vinhedos uniformes, com produtividade regular e prolongada.

Outro aspecto que deve ser observado na obtenção de material vegetativo é a autenticidade varietal, visto que são comuns os casos de sinonímias e nomes incorretos usados na viticultura.

#### **Escolha de cultivares**

A premissa básica colocada no início deste trabalho foi de que não cabe aos órgãos públicos planejar totalmente a ação dos produtores numa economia de mercado, mas sim apenas informá-los das alternativas possíveis para suas tomadas de decisão. Dentro deste princípio, procurou-se estudar as tendências gerais do mercado de uvas para vinificação e sugerir, também de modo geral, estratégias para novos plantios. No final, todavia, o produtor precisa escolher cultivares específicas para os seus novos plantios. Com o propósito de contribuir para melhores decisões neste sentido, elaborou-se a Tabela 9 com base em registros feitos nas coleções do CNPUV nos ciclos vegetativos de 1984/85 e 1985/86 e em informações de campo colhidas junto a viticultores e técnicos ligados ao setor.

Pela comparação entre características que o produtor conhece de algumas cultivares pela sua própria experiência e as características indicadas na Tabela 9, espera-se que o mesmo possa estar em melhores condições de avaliar suas decisões.

TABELA 9. Características de algumas cultivares indicadas para a MRH 311

Cultivar	Fenologia		Produção (t/ha)	Mosto		Incidência doenças*				Aptidão**	Observação
	Brotação	Colheita		°Brix	Ac. total (meq/L)	Antracnose	Oídio	Míldio	Podridões		
<b>VINÍFERAS TINTAS</b>											
Barbera	01-10/9	05-15/2	15-20	17-19	100-120	R	S	R	S	VTF Corte	Rica em cor e taninos
Cabernet Franc	01-10/9	10-20/2	18-23	16-18	70-90	MS	S	R	R	VTF Varietal	
Cabernet Sauvignon	05-15/9	20/2-02/3	15-20	16-18	80-100	MS	S	R	R	VTF Varietal	
Malbec	27/8-06/9	05-15/2	13-18	16-18	70-90	R	S	R	R	VTF Corte	
Merlot	03-13/9	10-20/2	20-25	17-19	90-110	S	AS	R	R	VTF Varietal	
Petite Syrah	05-15/9	15-25/2	20-25	15-17	100-120	R	S	R	S	VTF Varietal	
Pinot Noir	22/8-01/9	10-20/1	12-17	15-17	100-120	R	S	MS	AS	VTF Varietal	Deficiente em cor
Tannat	01-10/9	20/2-02/3	20-25	10-20	110-130	R	S	MS	R	VTF Corte	Rica em cor e taninos
<b>VINÍFERAS BRANCAS</b>											
Chardonnay	10-20/8	05-15/1	08-13	15-17	80-100	R	S	MS	S	VBF Varietal	
Flora	01-10/9	15-25/2	15-20	18-20	90-110	AS	S	R	R	VBF Varietal	Aromática
Gewurztraminer	28/8-07/9	20-30/1	10-15	16-18	80-100	MS	S	MS	MS	VBF Varietal	Aromática
Malvasia Amarela	10-20/9	25/2-06/3	15-20	16-18	80-100	MS	S	R	R	VBF Corte	
Malvasia Bianca	04-14/9	18-28/2	13-18	16-18	100-110	MS	S	MS	MS	VBF Corte	Aromática
										Asti Espumante	
Malvasia Verde	16-26/9	01-10/3	18-23	15-17	90-110	MS	S	R	R	VBF Corte	
Moscato Branco	18-28/9	25/2-06/3	25-30	14-16	110-130	R	S	R	AS	VBF Corte	Aromática
										Asti Espumante	
Palomino	01-10/9	20/2-02/3	25-30	14-16	50-70	AS	S	MS	R	VBF Corte	
Pinot Blanc	18-28/8	12-22/1	12-17	15-17	90-110	R	S	MS	AS	VBF Varietal	
Prosecco	08-18/8	10-20/2	15-20	15-17	60-80	R	S	MS	MS	VBF Espumante	
Riesling Itálico	26/8-05/9	26/1-05/2	13-18	15-17	90-110	R	S	MS	S	VBF Varietal	
Riesling Renano	18-28/8	22/1-02/2	08-13	15-17	80-100	S	S	MS	S	VBF Varietal	
Sauvignon Blanc	07-17/9	25/1-04/2	10-15	15-17	90-110	R	S	MS	AS	VBF Varietal	
Sémillon	20-30/8	24/1-03/2	18-23	15-17	80-100	R	S	MS	S	VBF Varietal	
Sylvaner	03-13/9	01-10/2	15-20	15-17	90-110	R	S	MS	S	VBF Varietal	
Trebbiano	02-12/9	15-25/2	20-25	14-16	90-110	MS	S	MS	S	VBF Varietal	
Vernaccia	25/8-05/9	05-15/2	15-20	15-17	100-120	R	S	MS	S	VBF Corte	
<b>AMERICANAS/HÍBRIDAS TINTAS</b>											
Bordo	16-26/8	15-25/1	15-20	14-16	60-80	AR	AR	AR	AR	VTC-Suco	Tintureira
Concord	25/8-05/9	25/1-05/2	15-20	14-16	60-80	R	AR	AR	AR	Suco	
Isabel	26/8-06/9	18-28/2	20-25	14-16	60-80	AR	MS	AR	AR	VTC-Suco	Deficiente em cor
Jacquez	07-17/9	15-25/2	25-30	16-18	130-150	R	MS	AR	R	VTC-Suco	Tintureira
<b>AMERICANAS/HÍBRIDAS BRANCAS</b>											
Couderc 13	05-15/9	23/2-05/3	25-30	14-16	60-80	AR	AR	AR	AR	VBC	
Niágara Branca	25/8-05/9	15-25/1	25-30	15-17	60-80	R	R	AR	AR	Mesa-VBC	
Niágara Rosada	25/8-05/9	15-25/1	25-30	15-17	60-80	R	R	AR	AR	Mesa-VBC	
Seyve Villard 5276	12-25/8	12-22/1	25-30	16-18	70-90	MS	R	AR	R	VBC	
Seyve Villard 12375	02-12/9	20/2-02/3	25-30	15-17	90-110	AS	AR	AR	AR	VBC	

\* AR = Altamente Resistente: ausência de sintomas;  
R = Resistente: sintomas esporádicos e limitados, sem perdas na produção;  
MS = Moderadamente Sensível: sintomas evidentes, podendo causar perdas na produção; exige controle fitossanitário;  
S = Sensível: sintomas generalizados, causando grandes perdas na produção se não houver controle fitossanitário;  
AS = Altamente Sensível: sintomas generalizados, com perda total da produção se não houver controle fitossanitário;

\*\* VTF = Vinho Tinto Fino;  
VBF = Vinho Branco Fino;  
VTC = Vinho Tinto Comum;  
VBC = Vinho Branco Comum.

Apêndice

Regressões segundo modelo  $J = A * EXP (r * t)$  para cálculo das taxas anuais de crescimento

Regressões	Constante (A)	Coefficiente (r)	R2
<b>Uvas vinificadas</b>			
Americanas e híbridas tintas	212,25	0,01100	0,38
Americanas e híbridas brancas	49,90	0,00860	0,30
Viníferas tintas	22,41	0,01333	0,33
Viníferas brancas	26,27	0,06077	0,95
Total uva vinificada	309,99	0,01633	0,63
<b>Comercialização</b>			
Vinho tinto comum	106,33	0,02353	0,28
Vinho rosado comum	11,92	0,06680	0,73
Vinho branco comum	7,50	0,10813	0,75
Total vinho comum	125,04	0,03610	0,49
Vinho tinto de viníferas	3,52	0,13455	0,94
Vinho rosado de viníferas	3,43	0,00656	0,01
Vinho branco de viníferas	5,32	0,15856	0,96
Total vinho de viníferas	11,86	0,12848	0,95
Vinho especial tinto	8,37	-0,23566	0,75
Vinho especial rosado	5,45	-0,08980	0,75
Vinho especial branco	3,25	-0,07680	0,46
Total de vinho especial	16,39	-0,12872	0,81
Suco de uva concentrado	2,97	0,06600	0,67
Conhaque	22,11	-0,33462	0,84
Filtrado doce	1,84	0,11838	0,88
Espumante e frizantes	4,27	-0,05188	0,63
<b>Procura teórica de uvas</b>			
Americanas e híbridas tintas	160,88	0,02921	0,48
Americanas e híbridas brancas	26,89	0,08174	0,87
Viníferas tintas	10,48	0,05330	0,49
Viníferas brancas	22,30	0,06399	0,76
Procura de uvas (total)	219,62	0,04264	0,70

## 6. BIBLIOGRAFIA CITADA

- COMPANHIA DE DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL E COMERCIAL DO RIO GRANDE DO SUL - CEDIC. Estudo da vitivinicultura Rio Grandense. Porto Alegre, 1974. v.2.
- RELATÓRIO Técnico Anual da Unidade de Execução de Pesquisa de Âmbito Estadual de Bento Gonçalves, 1983. Bento Gonçalves, EMBRAPA/UEPAE de Bento Gonçalves, 1984. 110p.
- EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA. CENTRO NACIONAL DE PESQUISA DE UVA E VINHO. Viticultura no Brasil - informações estatísticas. Bento Gonçalves, EMBRAPA/CNPUV, 1985. 50p. (EMBRAPA/CNPUV. Documentos, 1).
- FREIRE, L.M. de M.; FREIRE, J. de M. & LANZER, E.A. Perfil das propriedades vitícolas - MRH 311 - RS. EMBRAPA/CNPUV. No prelo.
- KUHN, G.B. Seleção sanitária da videira. Bento Gonçalves, EMBRAPA/UEPAE de Bento Gonçalves, 1981. 14p. (EMBRAPA/UEPAE de Bento Gonçalves. Circular Técnica, 7).